

PENTECOSTALISMO - RELIGIÃO DE MIGRANTES

Martin N. Dreher *

PRIMEIRAS OBSERVAÇÕES A PARTIR DA HISTÓRIA

N

ão são necessárias muitas observações para se verificar que religião e migração estão profundamente ligadas. A Bíblia dos hebreus nos dá conta de que a história do povo hebreu começa com uma migração, a migração do patriarca

Abrão e da matriarca Sarai. É a partir de revelação religiosa que migram de Ur, na Caldéia, em direção à Palestina. A religião hebraica também mostra todo o seu vigor, quando da migração de grupos de nômades hebreus para o Egito e, décadas mais tarde, do Egito, com longa peregrinação pela Península do Sinai, em direção à Palestina. Poderíamos continuar a detectar espaços, nos quais religião e nomadismo, religião e migração se fazem presentes na história do povo hebreu.

Em sua obra monumental a respeito da Missão e da Expansão do Cristianismo nos três primeiros séculos, Adolf von Harnack evidenciou que grande parte da expansão do cristianismo se deveu ao acompanhamento de populações migrantes. Qualquer estudo a respeito das grandes migrações dos povos germânicos e eslavos no continente asiático e europeu vai mostrar como o cristianismo foi sendo importante para os migrantes, bem como também foi se amoldando às condições dos migrantes.

Se verificamos episódios como os das expulsões de albigenses e valdenses, dos irmãos boêmios e hussitas, verificaremos que suas migrações forçadas por motivos religiosos não deixaram de ter sua influência sobre sua forma de exercer religião. Religião e migração podem ser acompanhados a partir do século XVI, quando a expansão européia vai levar milhões de europeus para as Américas, para a África, para a Ásia e para a Oceania. Temos aqui campos infin-



dáveis de pesquisa. Formas religiosas cristãs as mais diversas estão ligadas a todas essas migrações.

Mas não é apenas no cristianismo que podemos observar a profunda ligação entre religião e migração. A expansão islâmica não pode ser pensada sem as migrações da península arábica. Podemos entender a fundação de Tenochtitlan sem a religião? Os povos indígenas latino-americanos partiam em busca da "terra sem males". Podemos entender Canudos sem a ligação de religião e migração? Como entender os Mucker, o Contestado, o Caldeirão? Religião e migração estão profundamente ligadas.

Por outro lado, quando a religião não consegue mais acompanhar o migrante, ela assume formas rígidas, fixas, mostra-se incapaz de adaptação, mostra-se incapaz da heresia.

Ouso, inclusive, afirmar que a migração provoca "heresias". Podemos observar esse aspecto no caso do pentecostalismo brasileiro.

AS ORIGENS

Na origem do Pentecostalismo brasileiro encontram-se migrantes. O primeiro pregador pentecostal a chegar ao Brasil foi Louis Francescon, um italiano de origem valdense, chegado a São Paulo em março de 1910. Francescon já migrara da Itália para os Estados Unidos. Na cidade de Chicago, grande centro de imigração italiana naquele país, foi atingido pelo movimento pentecostal, sentindo-se chamado a ensinar sua experiência e nova descoberta a migrantes italianos na América do Sul. São Paulo é, então, um dos grandes centros de imigração italiana. Na capital

Foto: Maurício P. Spécio

paulista, Francescon vem a conhecer um italiano, residente em Santo Antônio da Platina, no Paraná, acompanha-o e a 20 de abril de 1910 começa a pregar naquela cidade paranaense, batizando nove pessoas. De Santo Antônio da Platina vai para a Argentina, em cuja capital, Buenos Aires, há outra grande concentração de imigrantes italianos. Pouco nos é conhecido de sua atividade na capital argentina. Sua permanência é brevíssima, pois em junho de 1910 já se encontra no bairro do Brás, em São Paulo. Prega na Igreja Presbiteriana do Brás e, com alguns convertidos, funda a Congregação Cristã do Brasil. Durante os primeiros 20 anos de sua existência a Congregação Cristã do Brasil ficou restrita a imigrantes italianos e a seus descendentes. A língua de culto era o italiano. Desde 1930 passou a pregar também em português e a abrir-se para outros grupos étnicos. Mesmo assim, em 1962, quando já contava com 600.000 adeptos, 56% do povo da Congregação Cristã do Brasil residiam em São Paulo e 25% no Paraná, estados que concentravam os maiores contingentes de imigrantes italianos e seus descendentes.

Migrantes são também os iniciadores do segundo grande movimento pentecostal no Brasil, Daniel Berg e Gunnar Vingren. Ambos são suecos. Na Suécia haviam se convertido à Igreja Batista, mas migrando para os Estados Unidos, assim como Francescon, tiveram contato com a novidade pentecostal, passaram por nova conversão e sentiram-se chamados a rumar para o Brasil. Sua situação, ao entrarem no Brasil, fixando-se em Belém do Pará, cidade de grande importância estratégica para o posterior desenvolvimento pentecostal, era idêntica a da maioria absoluta dos imigrantes que chegaram ao Brasil: vieram sem recursos financeiros e sem conhecer a língua do país. Afirmavam Berg e Vingren que a escolha de Belém do Pará se dera quando oravam, pois ouviam sempre de novo a palavra "pára, pára...". Buscando num mapa, teriam encontrado o Estado do Pará, no Brasil. Seja como for, fato é que chegados a Belém dirigiram-se à congregação batista local, sendo alojados no porão do



Foto: Maurício P. Spósito

templo batista. Realizaram estudos bíblicos entre os fiéis batistas, levaram alguns fiéis a fazer a experiência do batismo com o Espírito Santo e acabaram excluídos da comunidade. Os pentecostais da Assembléia de Deus apontam o dia desta exclusão, 12 de junho de 1912, como data da fundação da Assembléia de Deus no Brasil.

A EXPANSÃO

Nos primeiros anos, a Congregação Cristã do Brasil conseguiu uma expansão mais rápida que a Assembléia de Deus. Fora iniciada por italiano entre italianos e divulgada por italianos. Em 1930, contava com 30.800 adeptos. A Assembléia de Deus só vai iniciar sua expansão real quando explode a busca pela borracha no interior do Pará e na Amazônia. Grandes contingentes começam a migrar. Crentes e pregadores da Assembléia de Deus fazem brotar inúmeras congregações pentecostais no Norte brasileiro. Desde 1920 a marcha migratória se inverte. Milhares voltam do Norte para o Nordeste e daí acompanham a marcha nordestina em direção ao Sul, onde São Paulo é o grande pólo de atração. No ano de 1930 encontramos grupos pentecostais da Assembléia de Deus em todos os estados

brasileiros. Neste ano somam 14.000 indivíduos. Os pregadores pentecostais são nordestinos e, em grande parte, nordestino é o povo pentecostal. Italianos e nordestinos são os primeiros pentecostais brasileiros. Migrantes. O crescimento da Assembléia de Deus é impressionante. Até 1964 apresenta uma taxa de crescimento da ordem de 15% ao ano, passando a ter 960.000 adeptos. Nesse mesmo ano desponta como sendo a maior denominação protestante da América Latina. A Congregação Cristã do Brasil chega, em 1962, a 600.000 adeptos.

Após a Segunda Guerra Mundial (1945), novos grupos pentecostais começam a formar-se no Brasil. Novas missões vêm do exterior, trazendo as cisões do pentecostalismo norte-americano. Mas há também novos grupos, surgidos no Brasil em consequência de cisões internas no pentecostalismo e em denominações protestantes tradicionais. O maior grupo surgido, então, no Brasil, é a Igreja Evangélica Pentecostal O Brasil para Cristo, fundada por Manoel de Mello, um nordestino, ex-pregador da Assembléia de Deus com passagem por outra denominação pentecostal, conhecida pelo nome de Igreja do Evangelho Quadrangular. A pujança desse pregador nordestino chegava a reunir 200.000 pessoas.

NOVOS MOVIMENTOS

Em fins da década de 1940, chegaria ao Brasil o missionário pentecostal norte-americano Harold Williams. De sua atividade vai surgir a Igreja do Evangelho Quadrangular. Sintomaticamente, Williams introduz no Brasil a técnica de evangelização; em tendas. A tenda tem seu lugar em civilizações nômades, e cada vez mais nômade começa a se tornar a população brasileira de então. Se, até antes do final da Segunda Guerra Mundial eram os nordestinos que haviam migrado, primeiro para a Amazônia e, depois, em direção a São Paulo, agora todo o Brasil começa a entrar em um processo de migração. Migra-se do campo para a cidade, do campo para as novas áreas de colonização, num movimento que persiste e a cada dia se agudiza mais. Em todo esse processo de migração a tenda está presente. Que mais são os barracos do que tendas, das quais seus moradores esperam que possam ser arrancados quando surgir nova oportunidade de migração para uma vida melhor?



Foto: Maurício P. Spósito

Dentro desse processo de migração começaram a proliferar novos grupos pentecostais. Reuni os nomes de alguns: Avivamento Bíblico, Cristo Pentecostal da Bíblia, Cristo Jesus, Evangélica Pentecostal Unida, Eslava Brasileira Pentecostal, Assembléia de Deus Russa, Evangélica do Espírito Santo, Cruzada da Fé, Evangélica Pentecostal, Pentecostal Jesus Nazareno, Nova Vida, Viva Jesus, Maravilhas de Jesus, Deus é Amor, Pronto-Socorro de Jesus, Jesus Socorrista.

De maneira crescente a migração começou a atingir o Sul e o Leste do Brasil, levando vastos contingentes populacionais a migrarem para São Paulo e, principalmente, para as novas áreas de colonização. Em todo o processo de migração brasileiro, o Pentecostalismo tem estado presente.

UM POUCO DE GEOGRAFIA

Quando acompanhamos a geografia do Pentecostalismo vamos encontrar alguns aspectos interessantíssimos. No Pará ou em São Paulo, onde encontramos os primórdios, os locais de reunião, os templos pentecostais localizam-se nas periferias. Pode-se explicar isso com o fato de que o centro está ocupado. Na praça está a Matriz. Verdade. Por outro lado existe também a verdade de que é nas periferias onde se localizam os migrantes, os quais vindos do interior ou do exterior são relegados à margem não só da cidade, mas também da sociedade de uma maneira geral, incluindo sua vida religiosa. Para o migrante é muito difícil entrar até na

vida das comunidades religiosas! Assim, ao longo de todo o litoral brasileiro, os templos pentecostais vão estar nos bairros, nas periferias. No centro estão os templos católicos e, em alguns casos, templos do protestantismo histórico. Esta situação permaneceu até 1960.

Depois de 1960 começamos a presenciar uma mudança na geografia. Quando os migrantes do Sul, do Leste e do Nordeste começam a migrar para o Centro-Oeste e para o Norte do Brasil, na praça não vai mais estar a Matriz, mas o templo pentecostal. A partir de então, o pentecostalismo começa a surgir juntamente com o migrante, acompanhando o migrante. O pentecostalismo chega antes do padre, antes do pastor representante do protestantismo histórico.

POR QUE ACONTECEU O QUE ACONTECEU?

É importante observarmos que a expansão pentecostal se deu com um mínimo de auxílios externos, tanto financeiros quanto de pessoal. Nem o catolicismo, nem o protestantismo histórico estão conseguindo acompanhar migrantes sem recursos materiais e pessoais provenientes do exterior! Basta que se verifique o clero nas áreas de migração. As estruturas paroquiais são muito pesadas e difíceis de serem transportadas.

A maior receptividade encontrada pelos pentecostais foi inicialmente entre os crentes de denominações protestantes tradicionais. Aqui, os crentes mais simples, empobrecidos não conseguiam acompanhar plenamente o cristianismo bastante racional dos missionários protestantes. Os corpos doutrinários eram muito complexos para serem compreendidos. O pentecostalismo, ao contrário, possibilitava espontaneidade, revelação direta e calor nas reuniões da comunidade crente. Além disso, cada crente tinha a chance de conseguir *status* religioso. Podia vir a se tornar pastor, dirigente de uma comunidade, sem ter feito longos estudos teológicos, mesmo sendo migrante desconhecido, mesmo sendo pobre, marginal em uma sociedade ameaçadora. O dogma não foi desenvolvido em tendas, o dogma não funciona na migração; ele precisa da cidade sedentária, da sociedade fixa; foi ali que ele nasceu.

É impressionante o crescimento acelerado, realmente acelerado das denominações pentecostais. Em 1930 eram 10% de todos os protestantes, em 1965 já eram 68,5% desses protestantes. De 244.800 passaram para 2.239.000. Este crescimento coincidiu com as mudanças sociais pelas quais o Brasil passava e passa. A industrialização, a alteração da estrutura agrária, a migração interna fizeram aumentar a população da periferia. Criaram-se vastos contingentes de marginalizados. Havia populações em insegurança social. Para elas foi que o



Foto: Maurício P. Spósito

pentecostalismo trouxe sua mensagem, oferecendo salvação em meio ao caos.

Temos que perguntar: por que o catolicismo não ofereceu essa salvação? Por que o protestantismo tradicional não ofereceu essa salvação? Creio que devemos observar fatores estruturais internos do pentecostalismo que lhe permitem ser religião de migrantes. É importante verificar que os pentecostais se organizam em comunidades autônomas, sem ingerência externa. Tais comunidades mantêm-se a si mesmas. Seu aumento dá-se através da pregação dos próprios fiéis. Pontos avançados de pregação em breve se transformam em novas comunidades autônomas. A Igreja, assim, está mais próxima. As novas comunidades autônomas logo vão criar outras comunidades. Há uma dinâmica muito intensa.

Quem difunde a mensagem pentecostal não são especialistas, mas os crentes. Tais crentes são na maioria absoluta das vezes pessoas muito humildes, pobres. Povo prega para povo. Numa sociedade em que há séculos só se delega aos doutos e aos letrados as funções de curar e de ensinar, o pentecostalismo rompe o esquema. Aqui, gente humilde pode fazer o que em outras classes sociais só universitários podem fazer. Em termos do conceito de ciência ocidental, o pentecostalismo faz uma grande pergunta e lança um grande desafio: que conceito de ciência é esse que só permite a alguns poucos privilegiados o curar e o ensinar?

Nas comunidades pentecostais criam-se grupos fechados de eleitos. Neles se reproduzem as relações familiares, rompidas com a migração. Todos são "irmãos". Os migrantes marginalizados adquirem segurança e *status* religioso. A doutrina é simples. Há promessa de cura divina em um mundo em que há carência de tratamento. A comunidade pentecostal se transforma em comunidade terapêutica.

PARA PENSAR

Não faço avaliação do pentecostalismo. Não é esta a finalidade destas linhas. O acompanhamento que o pentecostalismo dá aos migrantes, aos despossuídos, com toda a problemática (!) que isso envolve - basta pensar nas discussões em torno da Igreja Universal do Reino de Deus - nos leva a pensar. Estamos acostumados, dentro de uma tradição iluminista, a fazer uma leitura "científica" do sagrado. O pentecostalismo e outros movimentos religiosos mais recentes estão a nos perguntar, se o "sagrado" não tem direito a uma existência autônoma, componente importante que é do todo do ser humano. As populações migrantes mais humildes mostram que o sagrado tem dimensões antropológicas que merecem ser rediscutidas.

* Martin N. Dreher é prof. de História da Igreja e Reitor da Escola Superior de Teologia de São Leopoldo/RS